

Dr. Roger Green, Reforma até o presente, Aula 16, A resposta ao liberalismo

© 2024 Roger Green e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Roger Green em seu curso de História da Igreja, Reformation to the Present. Esta é a sessão número 16, The Response to Liberalism.

Vamos apenas nos lembrar de onde estávamos. Espero que você tenha tido um bom descanso. Aqui estamos. Parece que é a segunda metade do semestre? Parece que a primeira metade passou bem rápido.

Para mim, pelo menos. Mas, de qualquer forma, estamos vendo o pêndulo balançar de volta, uma pequena reação à força evangélica do século XIX, XVIII, XIX. Também falamos sobre os três importantes movimentos de ressurgimento evangélico.

Agora estamos recebendo um pouco de resistência, por assim dizer, sobre isso. E estamos falando sobre teologia liberal. Agora, eu não teria escolhido falar sobre teologia liberal quando tivemos um dia GE, mas foi assim que aconteceu.

Então, então espero que eles tenham entendido que eu estava apenas explicando teologia liberal. Eu não estava identificando isso com Gordon College ou algo assim, mas espero que eles tenham entendido isso. Vamos rezar para que seja esse o caso.

Então, demos o contexto, e então demos algumas conclusões teológicas básicas do liberalismo. E a última coisa que dissemos, se estou correto nisso, a última coisa que dissemos foi que, ironicamente, o liberalismo influenciou tanto a direita quanto a esquerda do cristianismo. Ele teve uma influência na direita em termos de experiência cristã, e certamente, evangelismo e revivalismo, e o protestantismo, talvez em geral, acentua a experiência religiosa pessoal de Cristo e do crente, e assim por diante.

Parte dessa influência foi o liberalismo protestante clássico. Agora, essa é uma conexão que muitas pessoas nunca fariam. Certamente, pessoas na tradição evangélica ou na tradição mais fundamentalista nunca pensariam que parte da razão para sua ênfase na experiência vem do liberalismo protestante clássico.

Eles nunca fariam essa conexão. À esquerda, fez uma conexão com o movimento do evangelho social por meio de Rauschenbusch. E falamos sobre Schleiermacher, mas também mencionamos Walter Rauschenbusch.

Então, à esquerda, o movimento do evangelho social, mas dissemos, estamos tentando anotar isso cuidadosamente. A biografia mais recente de Rauschenbusch identifica Rauschenbusch como um evangélico porque, historicamente, os

evangélicos têm se preocupado com os pobres. Eles estão preocupados com os rejeitados, os desamparados, os sem-teto, os marginalizados e, certamente, com o movimento do evangelho social.

E o próprio Walter Rauschenbusch estava preocupado com isso. Então não diríamos, quando dizemos que influenciou a esquerda, não diríamos que isso é necessariamente ruim. Teve uma influência na esquerda com sua preocupação com o aspecto social do evangelho.

Mas, novamente, muitas pessoas não fazem essas conexões entre o evangelho social e o liberalismo. Então, o liberalismo corta os dois lados. Agora, vamos ver a avaliação do liberalismo, alguns pontos fortes, e a avaliação do liberalismo protestante clássico, algumas fraquezas.

Então, vamos dar uma olhada no movimento que foi iniciado por Schleiermacher. E, a propósito, também tentei enfatizar o quão importante Schleiermacher é. Espero ter passado isso para você.

Ele era uma pessoa crítica porque ele meio que reformulou e repensou o pensamento protestante, a doutrina protestante, e assim por diante, e colocou ênfase na experiência. Então, eu sou uma pessoa bem crítica. Ok, algumas básicas... Ah, nós chegamos... Não, nós não chegamos às conclusões teológicas básicas.

Não chegamos a B. Sinto muito. Não chegamos a B, e então fazemos C e D. Então, deixe-me chegar a B primeiro, algumas conclusões teológicas básicas do liberalismo protestante clássico. Então, ok.

Primeiro de tudo, o liberalismo protestante clássico era uma forma de idealismo. Era um tipo de crença de que toda a realidade é moldada pela mente divina. Então, havia um tipo idealista de centro teológico para o liberalismo protestante clássico.

E por causa desse tipo de idealismo, o liberalismo protestante clássico viu uma continuidade real entre o divino e o humano, em vez de uma ruptura entre o divino e o humano. Eles veem uma continuidade entre o divino e o humano. E essa continuidade entre o divino e o humano, eles viam como algo bom.

Agora, falaremos sobre alguns pontos fortes e fracos mais tarde, mas eles veem isso como algo bom. Na verdade, alguns dos liberais protestantes clássicos que seguiram Schleiermacher e seguiram pessoas como Rauschenbusch disseram que, por causa da continuidade entre o divino e o humano, estamos falando contra o materialismo da nossa era. Estamos falando contra a ganância da nossa era, onde a vida humana gira em torno do eu, em vez de em torno de uma compreensão do eu em relação ao divino.

Então, essas pessoas queriam ver esse tipo de continuidade do divino e do humano em vez de uma ruptura. Então, também devemos tomar nota da conclusão teológica básica dessas pessoas; elas eram muito otimistas sobre o futuro. Essas pessoas, e veremos alguns pontos fortes e fracos em um minuto, como isso aconteceu, mas elas eram muito otimistas sobre o futuro.

Eles pensavam neste mundo como, em última análise, um mundo muito racional movido e motivado por preocupações divinas e uma mente racional. Agora, estou apenas tentando descobrir como as coisas funcionaram teologicamente, começando com Schleiermacher. Quando dizemos um mundo racional, estamos vendo-o do outro lado.

Estamos vendo isso de uma perspectiva do século 21. Estamos tentando entender como isso funcionou com Schleiermacher no século 19 e no início do século 20. Então eles estavam muito otimistas.

Não há dúvidas sobre isso. Então, eles tendiam a enfatizar a iminência de Deus. Deus é iminente.

Ele está conosco. Ele está aqui entre nós. Em vez de enfatizar a transcendência de Deus, Deus é o outro santo.

Para os liberais protestantes clássicos, sua ênfase era em Deus está aqui. Agora, quando eles falam sobre Deus estar aqui, Deus estar entre nós, Deus estar conosco, eles querem dizer isso de duas maneiras. Primeiro, eles queriam dizer isso em termos do mundo natural.

Então, eles viam Deus através da criação de Deus, através do mundo natural, e então isso é através da natureza. No entanto, a segunda maneira era através da sociedade e do trabalho de grupos sociais. Quando a sociedade estava trabalhando para a melhoria da humanidade, eles viam isso como uma espécie de Deus divino iminente trabalhando através da sociedade para tornar melhor o que ele havia criado originalmente.

Então, a iminência de Deus. Deus está rompendo em nosso mundo, na natureza, rompendo na sociedade, e assim por diante. Outra coisa que a conclusão teológica é que eles colocaram uma ênfase pesada na lei natural de Deus, teologia natural.

Então a teologia natural é um tipo de Deus trabalhando seus propósitos através do mundo natural, através da nossa vida juntos, em certo sentido. Eles viam a lei natural como uma lei a ser seguida, e eles pensavam que essa lei era uma lei muito progressiva. Nós estaríamos nos movendo para um tempo muito bom.

Há uma espécie de bom momento chegando, em certo sentido, para essas pessoas. Então, elas estavam muito otimistas, novamente, sobre o futuro. Então, outra conclusão teológica é que elas negaram a doutrina do pecado original.

Eles não viam a doutrina do pecado original. Eles eram muito racionalistas e muito otimistas, e eram muito otimistas sobre o relacionamento de Deus e da humanidade para acreditar em qualquer tipo de pecado original. Eles acreditavam em ações pecaminosas, é claro.

Quer dizer, você não poderia simplesmente olhar ao redor, e você vai ver ações pecaminosas. Mas o pecado original, uma natureza pecaminosa, que moveu toda a humanidade, separou toda a humanidade de Deus, eles não veem isso. Eles não compram isso.

Então, o pecado original está meio que fora de questão para eles. E então, finalmente, o que se torna central para essas pessoas é a ética. O verdadeiro tipo de marca de qualquer religião, incluindo o cristianismo, é se você está levando uma vida ética. Você está levando uma vida moral? Então, a ética se torna central.

Teologia e doutrina se tornaram periféricas, no que diz respeito a essas pessoas. Então, a ética se torna o tipo de cerne da questão e a questão pela qual você julga o cristianismo e todas as outras religiões. Então, há um mandato muito ético aqui.

Então, há essas conclusões teológicas básicas do liberalismo, e essas pessoas as estão afirmando muito seriamente em seus livros. Pessoas como Schleiermacher em seu livro sobre discursos para a cultura desprezam a religião. Então, agora vamos para onde eu pensava que estávamos.

Então agora eu sei onde estamos. C, avaliação dos pontos fortes do liberalismo, e avaliação dos pontos fracos do liberalismo. Então, vamos lidar com os pontos fortes primeiro.

Agora, infelizmente, para o liberalismo protestante clássico, tenho mais fraquezas do que forças. Acho que havia algumas forças no movimento, e certamente havia coisas que poderíamos aprender com o liberalismo protestante clássico, mas também havia algumas fraquezas no movimento. Certo, primeira força.

O que aprendo quando leio Schleiermacher? Então, quando pego Schleiermacher, o que ele me dá? O que ele contribui para meu interesse em teologia? Então, a primeira força é uma abertura à verdade. Eu aprecio isso de pessoas como Schleiermacher. Há uma abertura à verdade, e querer ser fiel à verdade, um compromisso com a verdade, não ter medo da verdade, de onde quer que venha, seja verdade científica, verdade filosófica ou verdade matemática, não ter medo dela, mas abraçá-la porque Deus é o autor de toda a verdade.

Então o liberalismo protestante clássico, eu acho, é muito bom nisso. Quero dizer, começando com pessoas como Schleiermacher. Então, deveríamos querer. Essa é uma força.

Outra força que vejo como uma força real é estar disposto a criticar de dentro. O liberalismo protestante clássico estava disposto a ser autocrítico. Onde estamos certos? Onde estamos errados? Vamos ser críticos de dentro.

Vamos ser abertos. Vamos ser honestos. Vamos ser transparentes aqui sobre o que acreditamos ser verdade, e vamos trabalhar nessas coisas.

Então, é um tipo de autocrítica, e isso, para mim, é uma virtude ser autocrítico. Uma terceira força do liberalismo protestante clássico, e isso, vou manter a imagem de Rauschenbusch aqui, mas uma terceira força é uma preocupação social muito comprometida que o movimento, em geral, tinha, uma preocupação com os pobres, uma preocupação com os rejeitados, uma preocupação com os desamparados, os sem-teto, os marginalizados na vida. E ninguém exemplifica isso melhor do que Walter Rauschenbusch e seu movimento, o movimento do evangelho social.

Mas como eu disse agora, Walter Rauschenbusch é um tanto evangélico também. Então, Walter Rauschenbusch não era uma pessoa que jogava fora os aspectos pessoais do evangelho, conversão pessoal, ministério do Espírito Santo com o indivíduo, e assim por diante. Mas ele estava muito preocupado com a construção social à maneira do reino de Deus. Então, eu aprecio isso.

Então, havia muitos pontos fortes do liberalismo, mas há, eu acho, fraquezas esmagadoras que realmente acabaram no movimento. E você não pode ignorar essas fraquezas.

E mesmo hoje, entre os liberais protestantes clássicos, eu acho que eles têm que enfrentar essas fraquezas. Então, ok. Então deixe-me tirar um tempo para fazer isso.

Mas, antes de tudo, eu diria que o liberalismo protestante clássico, em geral, agora não tinha uma visão bíblica de Deus. Acho que com sua compreensão da relação entre o divino e o humano, eles trouxeram Deus para o nosso nível. Então, eles não foram capazes de abraçar uma visão bíblica de Deus.

E com isso, quero dizer o Senhor soberano, o sustentador do universo. Ele opera pela lei natural, mas às vezes também opera de acordo com o miraculoso. Então, não acho que eles tinham uma visão boa e solidamente bíblica de Deus, uma visão bíblica holística de Deus.

Eles enfatizaram apenas a iminência de Deus. Eles esqueceram a transcendência de Deus, a grandeza de Deus, a glória de Deus. Ele é digno de nossa adoração por causa de quem ele é, e assim por diante.

Então essa é a primeira coisa. Acho que a visão bíblica de Deus está faltando em geral. Agora, não estou falando de pessoas como Rauschenbusch, mas em geral, entre os liberais protestantes clássicos, eu diria que isso é verdade. Ok, número dois, você não ficará surpreso com isso, mas eles não tinham uma visão bíblica de Cristo porque, para eles, Cristo se torna o modelo, o exemplo, nosso exemplo moral, nosso influenciador moral, o homem ético.

Bem, Cristo era isso, mas ele também era Deus. Ele também era Deus em carne. Então, eles enfatizaram sua humanidade, mas negligenciaram sua divindade.

E se você vai ser verdadeiro Cristologicamente, você tem que abraçar ambos. Ele era totalmente Deus e totalmente humano, mas totalmente humano e totalmente Deus também. Então, basicamente apenas por seus escritos, por suas ações, eles negam que ele era totalmente Deus porque muitos deles acreditavam que ele nasceu em Maria e José.

Ele veio a este mundo como um bom homem moral, um bom homem ético, e é somente sua ética que queremos abraçar, como o Sermão da Montanha, por exemplo. Então eu diria que havia alguns que provavelmente ainda o abraçavam como Deus completo, mas o movimento como um todo certamente negou uma divindade completa a Cristo e a encarnação e salvação na cruz e tudo o que vem junto com isso. Ok, número três.

Isso é bem importante, eu acho. Bem, eu acho que todas elas são importantes. Eu acho que essas são coisas que precisamos pensar quando pensamos sobre o liberalismo protestante clássico.

Mas a terceira coisa é importante, mas meio irônica. A terceira coisa é que o liberalismo protestante clássico se viu em cativeiro à cultura na qual trabalhava. E a razão pela qual se viram em cativeiro à cultura é que, embora quisessem falar à cultura, muitas vezes não falavam à cultura de forma profética.

Embora quisessem abordar a cultura, muitas vezes não o faziam de forma profética. Muitas vezes se conectavam com a cultura. Muitas vezes eram meio que sugados para dentro da cultura.

E há uma visão quase acrílica da cultura e uma falta de habilidade para ficar acima da cultura, uma visão quase acrílica da cultura, quase absorvendo tudo o que a cultura disse. E deixe-me usar dois exemplos disso. Quando tivemos as palestras Hermann?

Acho que duas semanas atrás, talvez, quando Owen Gingrich esteve aqui e fez um trabalho magistral nisso.

Mas uma era uma visão meio acrítica da ciência, meio que apenas acolhendo tudo o que a ciência dizia e ensinava sem críticas, sem recuar e dizer, onde a ciência está certa? E onde a ciência está errada? Ou onde a ciência está certa? E onde a religião pode falar com a ciência? Então, é quase como se eles separassem a religião da ciência totalmente. E eles não eram capazes de ter uma visão meio profética e crítica da investigação científica. O segundo lugar é, claro, na investigação histórica.

E isto é, eles foram levados por um tipo de crítica bíblica radical. Então, como a crítica bíblica ficou meio selvagem, em certo sentido, essas pessoas não pareciam ser capazes de recuar e dizer qual crítica bíblica é verdadeira. Talvez haja algumas coisas verdadeiras aqui que eu possa abraçar.

Mas há coisas na crítica bíblica que não são verdadeiras e devem ser desafiadas? E eu não acho que eles fizeram um trabalho muito bom nisso. Eu acho que eles simplesmente foram levados pela crítica bíblica onde quer que ela fosse. E se você é levado por esses tipos de forças da cultura, então você não tem a habilidade de julgar a cultura, de falar profeticamente com a cultura e de criticar a cultura.

Então eles se tornaram, é irônico que eles se tornaram escravos da cultura. Porque às vezes era a cultura com a qual eles queriam falar, especialmente quando se tratava de preocupações sociais. Mas eles frequentemente se tornaram escravos da cultura.

Eles se tornaram tanto , eles foram moldados pela cultura. Ok, esse é o terceiro. Número quatro.

Uma quarta é que tudo tem que ser pesado e medido pela experiência para eles. E eu acho que isso se torna problemático. Há alguma verdade que é verdade objetiva que não tem que ser pesada ou medida pela experiência e Deus se tornando carne, por exemplo.

Vejo isso como uma verdade objetiva que não precisa ser pesada ou medida pela minha experiência. Mas para o liberalismo protestante clássico, tudo tinha que passar pela barra da experiência. E lembre-se, vou voltar para a imagem de Schleiermacher aqui.

Opa. Quero dizer, só para os nomes aqui. Opa.

Lembre-se da palavra Gefühl . Gefühl . Lembre-se de que dissemos que é a dependência absoluta do finito sobre o infinito.

Bem, isso é experiência. Gefühl é experiência. Então, tudo tem que ser medido pela experiência.

Tudo tem que passar pela barra da experiência para essas pessoas. Então, uma ênfase na experiência, no sentimento e coisas assim se torna problemática. Ok, o número cinco na minha lista de qualquer forma é a avaliação da fraqueza da crítica.

E isso é por causa da visão baixa deles sobre o pecado, e eles eram excessivamente otimistas sobre o futuro. Então, eles tinham uma visão baixa sobre o pecado. Eles não acreditavam no pecado original.

Eles acreditam em ações pecaminosas, mas não acreditam no pecado original. E eles tinham, porque tinham uma visão baixa do pecado, eles tinham uma visão alta do futuro e do que os seres humanos eram capazes de realizar no futuro. Certo.

E então eles realmente acreditavam, eu acho que eles realmente acreditavam, que o reino de Deus seria trazido à tona pela ação humana. Que não era, eles não viam o reino de Deus como uma intervenção rompendo a história, mas viam o reino de Deus como algo que poderíamos crescer e desenvolver com bons processos sociais. Isso se tornou problemático.

Então, deixe-me dar um exemplo disso. No começo do século XX, um protestante clássico, na verdade, eu estava olhando para isso esta manhã, a última edição, mas no começo do século XX, o liberalismo protestante clássico começou uma revista e ela era chamada de Christian Century. E era chamada de Christian Century porque o século XX seria o Christian Century.

E eles ainda publicam sob esse título. E eu leio, mas é tão estranho que eles ainda usem esse título, o Século Cristão, porque eu odeio dizer isso aos liberais protestantes clássicos, mas o século XX não se tornou o Século Cristão. Você teve a Primeira Guerra Mundial, você teve a Segunda Guerra Mundial, você teve o Holocausto, você teve a Guerra da Coreia, a guerra no Vietnã.

Quer dizer, o Século Cristão acabou sendo um século brutal e sangrento. Não foi o Século Cristão de forma alguma. Então, essa visão excessivamente otimista de que podemos construir o reino por nossos processos sociais, como você pode sustentar essa visão quando olha para o que aconteceu no século XX? Ficando cada vez melhor, as pessoas foram gaseadas; centenas de milhares de pessoas foram gaseadas até a morte na Primeira Guerra Mundial, na Segunda Guerra Mundial, em todos os massacres e no Holocausto.

Como você pode sustentar uma visão de um século cristão quando olha para o século XX realisticamente? Então, é em parte por causa da visão baixa deles sobre o pecado que eles tinham isso. Então, ok, outro tipo de crítica, e isso é uma ênfase

exagerada no tipo de moralismo, ser uma boa pessoa moral, ser uma boa pessoa ética, porque onde isso os levou foi, os levou a um tipo de salvação pelas obras. Isso os levou a um tipo de, você é salvo porque é uma boa pessoa, você está fazendo coisas boas morais e éticas.

Então, com esse tipo de entendimento, estamos voltando ao que Lutero lutou contra. Então, há uma ênfase menor na graça e uma ênfase exagerada nas obras. E, finalmente, é claro, uma visão baixa da revelação.

Deus se revelou . Como? Bem, primeiro, ele se revelou como uma pessoa por meio de Cristo, e Cristo é revelado por meio das escrituras, mas ele tem uma visão baixa da revelação, sem dúvida. E isso anda junto com uma visão alta de nossos próprios recursos humanos. Então, agora eu quero mencionar outro nome aqui como um resumo.

E o nome dele é H. Richard Niebuhr. E eu tenho uma foto de H. Richard, e eu fiz as datas com H. Richard Niebuhr novamente, 1894 e 1962. Uma longa história curta sobre H. Richard Niebuhr, porque nós vamos olhar para os irmãos Niebuhr em uma palestra posterior.

Mas H. Richard Niebuhr foi um grande, hoje o chamamos, usamos o termo teólogo público. Não acho que eles usassem esse termo naquela época. Acho que é um termo bem novo.

Mas, de qualquer forma, eles usam o termo teólogo público. Ele era um teólogo público que lecionava em Yale. Então, ele era uma pessoa muito conhecida na vida da igreja e na cultura mais ampla também.

As pessoas conheciam o nome de H. Richard Niebuhr. Agora, não é importante aqui; você não precisa saber disso, mas o irmão dele provavelmente era até um pouco mais famoso. O irmão dele se chamava Reinhold Niebuhr.

Mas falaremos sobre os irmãos Niebuhr em outra palestra também. Mas H. Richard Niebuhr é um teólogo, bem como um sociólogo e assim por diante. E ele deu uma olhada no liberalismo protestante clássico.

Ele também escreveu um livro bem mordaz chamado *The Kingdom of God in America*, que era sobre o liberalismo protestante clássico. Agora, em *The Kingdom of God in America*, em uma frase, ele meio que fez isso no liberalismo protestante clássico. Ele disse, um Deus sem ira, porque veja, eles tinham um Deus bom, sem ira, trouxeram o homem sem pecado, porque eles não acreditavam no pecado original, para o reino sem julgamento.

Então, o reino era apenas um tipo de progresso social, sem julgamento sobre o reino, através dos ministérios de um Cristo sem cruz. Através da obra de Cristo, mas sem cruz. A obra de Cristo na qual o liberalismo protestante clássico acreditava era ser um bom homem, um bom influenciador moral e um padrão de como deveríamos viver nossas vidas.

Essa é uma frase do livro *The Kingdom of God in America*. Mas você poderia desejar que frases como essa aparecessem quando você está pensando sobre o que escrever. Você poderia esperar que pudesse pensar em uma frase como essa.

Em uma frase, ele nivelou o liberalismo protestante clássico. Um Deus sem ira trouxe o homem sem pecado para o reino sem julgamento através dos ministérios de um Cristo sem cruz. E essa era sua estimativa do liberalismo protestante clássico.

O irmão dele tinha uma estimativa similar. Reinhold Niebuhr tinha uma estimativa similar. Então, aí está.

Esse é o fim da história, em certo sentido, do liberalismo protestante clássico. Certo. Para mostrar o fim da história, deixe-me dar uma rápida ilustração da minha vida pessoal.

Não, eu não cresci como um liberal protestante clássico e depois me converti. Mas a Brown University tinha um professor muito famoso lá que tinha feito muito trabalho sobre fundamentalismo e evangelicalismo. E isso foi anos atrás.

Ele também estava dando um artigo sobre evangelicalismo. Mas ele não tinha ninguém para responder a esse artigo na Brown. Quero dizer, ele próprio era um liberal.

Ele só estava interessado em fundamentalismo e evangelicalismo academicamente. Ele não tinha interesse de coração em fundamentalismo ou evangelicalismo, mas ele era um estudioso daquele período de tempo e daqueles movimentos. Então, ele estava dando um artigo na Brown sobre evangelicalismo.

Mas ele precisava de um evangélico para responder ao jornal. E eles não conseguiram encontrar um na Brown. Então, eles procuraram ao redor.

Então, eles me encontraram. Então, eles me perguntaram se eu iria responder ao jornal. Foi um jantar adorável e uma noite muito interessante.

Bem, eu não tive que dar muita resposta no artigo porque ele, no artigo dele, estava dizendo que o liberalismo protestante clássico que conhecemos desde Schleiermacher está agora, e a palavra que ele usou foi falido. Está falido. Não sobrou nada.

Vamos encarar. Agora, é muito interessante porque ele estava dizendo que, como um liberal protestante clássico que quase nunca ia à igreja ou mesmo, você sabe, ele não via necessidade disso. Então, como um liberal protestante clássico, ele encontrou a vibração no cristianismo que ele tinha no evangelicalismo.

Isso é vibrante. Isso é vivo. Essas pessoas realmente acreditam em algo.

Então, você sabe, eu não tive que dar muita resposta ao artigo. Eu apenas concordei com o que ele disse como evangélico. Eu disse, você está certo, sabe.

Mas, você sabe, falido, para usar essa palavra, uau, como alguém que está nessa tradição, mas usar a palavra falido, isso é bem difícil, mas é verdade. O liberalismo protestante clássico acabou assim. Agora, ainda existem liberais protestantes clássicos por aí hoje, e o século cristão ainda está sendo publicado, mas não há muita substância ali.

Eu olho para ele porque eu, você sabe, só para ver se tem algo que eu possa usar, mas não tem muita substância ali. Então, esse é o surgimento e o desenvolvimento da teologia liberal. Talvez eu precise renomear esta palestra, O Surgimento e o Desenvolvimento e a Morte da Teologia Liberal, porque ela está morta.

Ele se foi. Ele está falido. Então tem que haver outros movimentos que tomem seu lugar.

Então, ok, deixe-me parar por aqui. De Schleiermacher em diante, os três grandes nomes que mencionamos são importantes. Schleiermacher, Rauschenbusch, como ele se encaixa nisso, e H. Richard Niebuhr e qual foi sua crítica a isso.

Mas você tem outras perguntas sobre esse movimento? Como eu disse, você vê resquícios dele por aí hoje. Ele não tem nem de longe a força que tinha sob pessoas como Schleiermacher ou alguns dos primeiros formadores no século 19 ou início do século 20. Mas alguma coisa sobre isso? Você está bem? Você entende o que estamos fazendo aqui? Então, o pêndulo oscilou um pouco aí em termos de teologia.

Tudo pronto? Certo. Agora, deixe-me parar aqui por um minuto. Então, esse é o fim das notas de aula para a próxima segunda-feira.

Então, segunda-feira cobre até e incluindo a Aula 7. Então, cobre quatro. Acredito que seja de quatro a sete. De quatro a sete.

Quatro, cinco, seis, sete. Ele cobre essas quatro palestras e todas as leituras que acompanham essas palestras. Então, estamos bem com isso.

E então, na quarta-feira, você me traz algumas perguntas das leituras. Sexta-feira, teremos mais uma sessão para prepará-lo para o exame. E eu terei o exame comigo na sexta-feira.

Então, eu vou poder garantir que você esteja no alvo com todas as suas perguntas e tudo mais. E então estamos prontos e correndo. Então, estamos quase em novembro.

Certo. Bem, vamos começar a próxima palestra de qualquer maneira — e a palestra número oito.

Esta é a Teologia do Evangelicalismo no Século XIX. Então, você tem seu esboço ali na página 14, A Teologia do Evangelicalismo no Século XIX. Agora, pensei, como vou abordar esta palestra? Como vou chegar ao que está acontecendo no evangelicalismo no Século XIX? E, na verdade, decidi neste curso abordá-lo através do que estava acontecendo na Inglaterra.

Houve dois movimentos muito importantes na Inglaterra no século XIX sobre os quais vou dar uma palestra. O primeiro é chamado de Movimento de Oxford. Então, vamos falar muito sobre o Movimento de Oxford.

É muito importante. Realmente focou na eclesiologia e na relação da igreja com o estado. Também dei uma palestra sobre o Exército da Salvação nesta palestra.

Agora, deixe-me dizer algo sobre isso, e então falaremos sobre o Movimento de Oxford. Estou conectado com o Exército da Salvação, como vocês devem saber, como leigo. No entanto, o Exército da Salvação foi um movimento muito importante na Grã-Bretanha no século XIX.

E então eu decidi que, embora eu tenha um interesse pessoal nisso, eu decidi que eu provavelmente deveria ir em frente e dar uma palestra sobre isso de qualquer maneira. Mark Knoll, no livro *Turning Points*, lembra do que mencionamos na sexta-feira, mas no livro *Turning Points*, ele deu outros pontos de virada que ele poderia ter escolhido, mas não escolheu. E um foi o Exército da Salvação.

Ele poderia ter escolhido o Exército da Salvação como um ponto de virada porque foi. Então, espero que você aceite isso. A razão pela qual estou fazendo isso é por causa do evangelicalismo no século XIX. O Movimento de Oxford é um movimento de igreja alta, e o Exército da Salvação é um movimento de igreja baixa.

Então, eu comparei e contrastei os dois movimentos. Agora, por esses termos, eu não uso esses termos. Um não tem um lugar privilegiado.

Estou apenas usando esses termos em termos de eclesiologia, um entendimento da igreja, como a igreja deveria ser organizada, e assim por diante. Movimento de Oxford, igreja muito alta. Exército da Salvação, a igreja baixa em termos de sua eclesiologia, também ministrava aos pobres.

Então é aqui que vamos. Então, ok. Vamos falar primeiro, A, sobre o Movimento Oxford, e vamos dar uma introdução ao Movimento Oxford e sobre o que o Movimento Oxford é.

Deixe-me mudar isso para que tenhamos isso para o Movimento Oxford. Certo. Opa.

Certo. Sim. Tudo bem.

Bom. Certo. Introdução.

Movimento Oxford. Certo. Você pode dizer Movimento Oxford, estamos falando da Inglaterra.

Isso é algo que começou em Oxford, então na Universidade de Oxford, é por isso que foi chamado de Movimento Oxford. Aqui estão três termos que uso para o Movimento Oxford sempre que estou dando palestras sobre o Movimento Oxford. Tudo bem.

Número um, foi um movimento altamente significativo. Gosto desse termo. Movimento muito importante.

Não há dúvidas sobre isso. Número dois, foi um movimento profundamente devoto. Muito devoto.

As pessoas querem realmente entender a natureza do cristianismo e assim por diante. Movimento profundamente devoto. Certo.

E número três, era um self intencional; era um movimento intensamente autoconsciente. Muito autoconsciente sobre sua própria formação e modelagem. Então eu gosto desses termos.

Altamente significativo. Profundamente devoto. Intensamente autoconsciente era esse movimento.

Agora, você pode não saber nada sobre o movimento ainda, mas você saberá, espero, enquanto lecionamos sobre ele. Mas apenas mantenha esses três termos em mente em termos de introdução. E como mencionei, esse movimento começou na Universidade de Oxford.

Então foi aí que tudo começou, e é por isso que foi tão importante. Certo. Outra coisa para introdução.

Este movimento queria voltar a entender a Igreja. Agora, Igreja, usamos C maiúsculo porque eles estão falando sobre a Noiva de Cristo, o Corpo de Cristo. Eles não estão falando sobre uma denominação necessariamente, embora ela tenha inclinações denominacionais.

Mas eles não estão falando sobre denominação. Falando sobre a Igreja, o Corpo de Cristo no Novo Testamento. Certo. Este movimento é um movimento que queria ver a Igreja no Corpo de Cristo apenas como um movimento divino.

Certo. Um movimento divino somente. Um movimento moldado somente por Deus.

Tudo bem. E onde eles viram isso? Agora, lembre-se, esse movimento, esse movimento de Oxford, é um movimento do século XIX. Certo.

Onde eles veem isso? Eles veem isso no Novo Testamento. No Novo Testamento, eles abrem suas Bíblias e veem a Igreja do Novo Testamento, o Corpo de Cristo, como um movimento divino, somente divino. Eles também viram isso na Igreja primitiva.

Então, digamos os primeiros 400 anos da Igreja. Agora, desde então, tem havido, no que lhes diz respeito, estamos meio que tentando ver através dos óculos deles, mas desde então, tem havido tentativas do estado de controlar a Igreja. Tem havido tentativas do estado de moldar a Igreja, de administrar a Igreja, de organizar a Igreja e de controlar a Igreja.

E eles viram isso em Roma, mas também viram isso desde a Reforma. Ah, eles viram isso na Igreja Católica Romana medieval. Eles têm visto isso desde a Reforma, até mesmo dentro do protestantismo.

Eles viram tentativas do estado de moldar a Igreja e, portanto, fazer da Igreja, em certo sentido, menos uma instituição divina e mais uma instituição humana. Eles tentaram meio que alterar a Igreja por ação governamental, sabe? Então, no que lhes diz respeito, esta não era a Igreja do Novo Testamento. Eles estão vivendo na Inglaterra.

Essas pessoas são anglicanas. Elas estão olhando para sua igreja e estão dizendo: esta é a Igreja do Novo Testamento ou esta é a Igreja dos primeiros quatro séculos? A resposta delas foi: não, não é porque ela é muito controlada pelo estado. É muito mais um tipo de igreja estatal.

Está faltando sua divindade completa, em certo sentido, para essas pessoas. Certo? Então, elas começam a olhar para a Igreja do Novo Testamento e para a Igreja primitiva como seu modelo. Esse é o exemplo delas.

Esse é o modelo deles. É nisso que eles estão interessados. Certo, então agora vamos pensar nisso por um minuto.

É assim que eles pensam teologicamente. Mas no século 19, eles estão vivendo em um movimento, e estão ajudando a moldar um movimento, mas também estão vivendo em um movimento. E como geralmente chamamos o século 19? A era do romantismo.

A era do romantismo. E qual é uma das coisas que caracteriza o romantismo de uma forma cultural mais ampla? Uma das coisas que caracteriza o romantismo de uma forma cultural mais ampla é olhar para o passado e ver o passado como significativo para a formação da cultura e assim por diante. Então, os românticos eram frequentemente pessoas, fossem poetas, escritores ou músicos, que olhavam para o passado e viam que devemos abraçar o que aprendemos com o passado se quisermos ser verdadeiramente o que deveríamos ser e assim por diante.

Então, parece que essas pessoas são produtos de sua cultura, da era romântica em que vivem, mas você também pode quase dizer que elas são modeladoras dessa cultura também. Elas são modeladoras desse romantismo também. Então, você pode ver isso, talvez ver isso das duas maneiras.

Mas muitas coisas estão acontecendo tanto teológica quanto culturalmente para moldar o que chamamos de movimento chamado Movimento de Oxford. Certo, tendo dito isso, vamos tentar entender melhor o baixo agora. Vamos falar do começo do Movimento de Oxford, da mudança para a Igreja Católica Romana e da reação da Igreja Anglicana.

Então, dois, três e quatro. Esse foi o começo do Movimento Oxford. O que aconteceu foi, lembra que dissemos, do que se trata esse curso? É sobre as pessoas certas no lugar certo com as ideias certas.

E o que aconteceu foi que no início do século XIX, você tinha um grupo de clérigos todos na Universidade de Oxford falando sobre qual deveria ser a natureza da igreja. Então, realmente, a eclesiologia era o tipo de foco central deles. Então, você tinha essas pessoas falando sobre isso no lugar certo.

Eles se apoiavam com o que escreviam e com o que falavam, e eventualmente, algo explodiu, e vocês foram chamados de Movimento de Oxford. Então, ok. Agora, a primeira pessoa em que pensamos quando pensamos no Movimento de Oxford é uma pessoa em Oxford chamada Richard Froude, FROUDE.

Observe as datas, datas interessantes, 1803, 1836. O homem morreu quando tinha apenas 33 anos de idade. E, no entanto, ele é uma das pessoas que faz essa coisa toda andar, faz essa coisa toda andar com seu pensamento.

Agora, para ele, a igreja, a igreja, a igreja ideal é a igreja primitiva, a igreja primitiva, a igreja do Novo Testamento nos primeiros quatro séculos ou mais. Houve uma corrupção da igreja desde a Reforma. A Reforma meio que corrompeu a igreja.

A Reforma fez da igreja algo que ela nunca pretendeu ser. E o que temos que fazer é voltar àquela vida primitiva da igreja. Certo.

Então, ele prega, ele ensina, ele escreve, e ele quer um reavivamento. Mas não é o tipo de reavivamento que você pensa quando pensa em alguém como Charles Grandison Finney ou George Whitefield. Esse não é o tipo de reavivamento que ele quer.

Ele quer um reavivamento da igreja primitiva, e então ele insiste em três coisas. Se pudermos abraçar essas três coisas na igreja, seremos mais como a igreja primitiva. Seremos mais como a igreja que Deus pretendia que fosse.

Tudo bem. Número um. Agora, ele falou sobre outras coisas.

Estou usando esses três apenas como indicativo. Certo. Você entendeu? Então, certo.

Número um, temos que voltar ao jejum. A igreja primitiva jejuava. Não temos a disciplina de jejum que a igreja primitiva tinha.

Temos que voltar a isso. Número dois. Agora, lembre-se, ele está falando como um anglicano agora.

Ele não é católico romano. Número dois, temos que voltar ao celibato clerical. Todo o clero deve ser celibatário.

Eles não deveriam se casar. Eles não deveriam ter filhos e assim por diante. Temos que voltar ao celibato clerical.

Agora, aqui sob este segundo ponto, ele estava um pouco fora de sintonia aqui porque o celibato clerical realmente não fazia parte daqueles primeiros quatro séculos. O celibato clerical não chega ao século XI ou algo assim, mas é assim que ele imagina o celibato clerical da igreja primitiva. E então, número três, temos que voltar a uma reverência pelos santos.

Não uma adoração aos santos, mas uma reverência aos santos. Então, temos que voltar a reverenciar os santos da igreja primitiva. E se pudéssemos voltar a esse tipo de coisa, se pudéssemos ter um reavivamento desse tipo de maneira, então a igreja voltaria a viver de uma forma que não acontecia desde a Reforma.

Então, o que ele faz é olhar além da Reforma. Ele olha para a Reforma, para aquela igreja primitiva, e diz, rapaz, se pudéssemos nos tornar assim, seríamos realmente a igreja que Deus pretendia que fosse. Então, ele é um dos porta-vozes do que ficou conhecido como o Movimento de Oxford.

Deixe-me dar a segunda. Agora, preciso dar um tempo para vocês aqui. Ainda não fiz isso hoje.

Mas deixe-me mencionar o segundo. Sim. Então, Richard Frost.

Froude, eu acho. É um bom... É, eu não sou... É. Parece que ele era católico.

Certo. Você está mirando na direção certa. Ele ainda não é católico.

Ele ainda é um padre anglicano, e ele ainda está falando sobre essas coisas com seus amigos. E o movimento realmente se moveu para o catolicismo. Isso vai estar no final da história.

Mas ele morreu antes que essa transição fosse feita para o catolicismo. Ele morreu em 1836. Então, ele não vive para ver os resultados finais disso.

Mas soa católico para mim e para todos que o ouviram. Isso é verdade. Mas, sim. Mais alguma coisa sobre Richard?

Deixe-me mencionar John Keble, e então eu tenho que dar um tempo. Keble, segundo. Ah, eu coloquei... Sim, lá está ele.

John Keble. Viveu até 1866. Então, você pode conhecê-lo como um poeta.

Ele foi um grande poeta e pregador. Se há algum pregador associado ao Movimento de Oxford, é Keble. Certo? E Keble realmente pregou um sermão.

Deixe-me dar a você... Eu não coloquei a data do sermão. Aqui está uma data. 14 de julho de 1833.

14 de julho de 1833. O título do sermão era Apostasia Nacional. Apostasia Nacional.

14 de julho de 1833. Ele pregou em... Acho que foi em St. Mary's em Oxford, mas ele pregou em uma das igrejas em Oxford. E esse sermão realmente foi um sermão

divisor de águas porque, naquele sermão, o que ele quer fazer é separar a Igreja, a Igreja com C maiúsculo, o corpo de Cristo, de qualquer tipo de controle estatal ou nacional.

Temos que sair de baixo disso. Sabe, temos que ficar mais parecidos com a igreja primitiva que não estava sob nenhum controle nacional ou estadual. Então, ele prega um sermão sobre apostasia nacional.

Mas, ao formular seus princípios, é interessante que ele fale muito sobre a Eucaristia. Então, não neste sermão, mas em outros sermões e outras maneiras, ele fala sobre a Eucaristia. Deixe-me mencionar apenas duas coisas que ele diz sobre a Eucaristia.

Veja se isso soa protestante, ou se soa católico. Veja se soa como Lutero ou Calvino, ou se soa mais como Santo Agostinho ou algo assim dos primeiros quatro séculos? Ok, deixe-me mencionar duas coisas.

Número um é a maneira como você é salvo. A maneira como você é salvo é através da recepção do corpo e sangue de Cristo na Eucaristia. Então, no que lhe diz respeito, é assim que a salvação chega até você porque esse é o corpo e sangue de Cristo. Agora, isso soa mais católico, ou soa mais protestante? Parece mais católico, é claro, porque, no que lhe diz respeito, esse era o ensinamento da igreja primitiva, e precisamos voltar a esse ensinamento.

Então, a salvação vem através da Eucaristia, e a Eucaristia é o corpo e o sangue de Cristo para ele. Então esse é o número um. Número dois, a Eucaristia é validamente administrada somente através de padres que estão na sucessão apostólica desde Pedro.

Então, há uma sucessão apostólica desde Pedro. Somente os padres que estão nessa sucessão apostólica podem dar a Eucaristia. Agora, isso soa mais católico, ou soa mais protestante? Parece bem católico para mim.

De qualquer forma, especialmente se você está voltando para Pedro, você tem essa sucessão apostólica, e somente esses padres têm permissão para dar a Eucaristia. Então isso não parece Reforma. Parece bem católico.

Então Keble foi um grande pregador, grande poeta, grande escritor e uma pessoa muito influente. Uma vez que ele começa a falar sobre esse movimento, ele começa a falar realmente em termos católicos, terminologia católica. Eucaristia, transubstanciação, corpo, sangue, sucessão apostólica.

Isso é tudo falado desde a igreja primitiva. Então Keble é muito, muito importante. Então os dois primeiros caras são realmente importantes.

Terceiro cara, infinitamente, bem, terceiro cara, muito importante, mas eu tenho que dar um tempo para vocês. Descansem um pouco. Nós não tivemos um tempo hoje, vocês tiveram? Abençoados sejam seus corações.

É segunda-feira. É a segunda metade do semestre. Estamos seguindo em frente, não estamos, na vida? Estamos.

Então, você tem alguma pergunta enquanto está quebrando aqui? Alongue-se, quebre, tenha esperança. Sim. Ele ainda não está falando sobre Pedro como papa.

Ele, eles eventualmente irão, porque eles vão se tornar católicos. Mas através de Pedro, ele foi o primeiro bispo da igreja. E como ele nomeou e ungiu bispos, a sucessão apostólica é através dos bispos da igreja.

Então, os únicos que podem dar a comunhão são os bispos da igreja. E como eles então ordenam ministros, eles dão, ou ordenam padres, eu provavelmente deveria dizer, mas como eles ordenam padres, eles dão aos padres esse poder de dar a Eucaristia e tudo mais. Mas não pode ser dado por leigos.

Não pode ser dado por ministros de outras denominações. Havia presbiterianos, e havia batistas ao redor dele. Havia presbiterianos ao redor.

Ele não reconheceu isso de forma alguma, pois havia metodistas por perto. Ele não reconhece isso como legítimo, a Eucaristia legítima. É somente como pessoas que receberam uma sucessão apostólica que é verdadeiramente o corpo e o sangue de Cristo.

Então, teve mais uma coisa enquanto a gente parava aqui por um minuto. Certo. Vamos dar uma olhada no número três então, e depois eu tenho que deixar você ir.

Número três, a pessoa mais importante em todo o movimento. E seu nome é John Henry Newman. E aqui estão suas datas: 1801 a 1890.

Havia muitas outras pessoas e outras que poderíamos mencionar. Estou apenas escolhendo essas três, mas as outras pessoas são realmente, ele é o mais importante de todos eles. Certo.

John Henry Newman, uma potência intelectual. Acho que os outros também eram, mas uma potência intelectual, sem dúvida. Curiosamente, em seus primeiros dias como padre na igreja anglicana, ele se considerava um evangélico.

Então, ele teria sido, usado o termo evangélico assim como os Wesleys usaram o termo evangélicos em um século anterior. Mas ele se considerava um evangélico. Esse é um pequeno fato importante.

Agora, o que Newman vai fazer é, desculpe, pensei que tinha esse termo aqui. Só preciso encontrar um termo. Não encontrei? Certo.

Bem, abençoe meu coração. Eu não coloquei o termo para baixo. Certo.

Tudo bem. Estou vivendo e aprendendo. Então, vamos voltar por um minuto.

Certo. O que Newman começou a fazer, ele queria escrever. E para influenciar as pessoas, ele queria influenciá-las por meio da pregação e da escrita.

Então, ele começa uma publicação chamada Tracts for the Times, TRACTS. Tracts for the Times, TRACTS. Preciso colocar isso em um PowerPoint.

Tracts for the Times. Ele começou isso em 1833. Esse é o começo do movimento, 1833.

Tudo bem. Agora, quando você pensa na palavra tratado, o que lhe vem à mente? Alguém lhe entrega um tratado na estação ferroviária ou algo assim; o que você pensa sobre isso? Duas páginas, três páginas, bem legível, e assim por diante. Eram como tratados.

Então, não eram tratados, apenas, você sabe, duas páginas ou algo assim. Eram como tratados que eram escritos — tratados para o Times.

Esses eram artigos sérios sobre teologia. E em 1833, ele começou a publicar essas coisas chamadas Tracts for the Times. Então, tudo bem.

O que acontece é que, à medida que ele publica, e à medida que você acompanha o Tracts for the Times, o próprio Newman está se tornando cada vez mais católico. Ele está soando menos anglicano, e certamente está soando menos evangélico, e está soando cada vez mais católico. E então ele começou a ver a igreja cristã.

Ele começou a ver a igreja cristã. Primeiro de tudo, sabe, eu acho que tenho isso. Eu tenho isso.

Tudo bem. Abençoe meu coração. Aqui estamos.

Só preciso colocar esse slide. Certo. Há Tracts para o Times.

Certo. Ele começou quando começou a escrever. Ele viu a igreja anglicana como a grande via média, como o grande caminho do meio. Eu não percebi que era dez depois.

Tenho que deixar vocês irem. Vou continuar isso na quarta-feira.

Aqui é o Dr. Roger Green em seu curso de História da Igreja, Reforma até o Presente.
Esta é a sessão número 16, A Resposta ao Liberalismo.